



ISSN 1982-999X |

# Formação Humana e Espiritualidade em Dostoiévski: Uma Leitura Levinasiana

Human Formation and Spirituality in Dostoevsky:  
A Levinasian Reading

José Afonso Chaves

(Universidade Católica de Pernambuco, Brasil)

Adriana Coutinho

(Universidade Federal de Pernambuco, Brasil)

## Resumo

O artigo tem por objetivo problematizar e evidenciar que o amadurecimento espiritual é um aspecto constitutivo dos processos educativos da formação humana e a literatura é um recurso eficaz para pensar a dinâmica desses processos existenciais no âmbito da educação. Dessa forma, desenvolve-se uma análise do universo romanesco de Dostoiévski, especificamente das personagens Sônia e Raskolnikov do romance *Crime e castigo*, em seus percursos existenciais a partir do conceito de Rosto de Emmanuel Lévinas. Conclui que as personagens do romance dostoiévskiano oferecem substantiva contribuição para pensar processos educativos que visem a Formação Humana que contemplem a dimensão espiritual dos indivíduos em sentido antropológico.

**Palavras-Chave:** Formação Humana. Espiritualidade. Rosto. Lévinas. Dostoiévski.

## Abstract

The article aims to problematize and evidence that spiritual maturation is a constitutive aspect of human training educational processes and literature is an effective resource for thinking about the uses of these existing processes in teaching. Thus, develop an analysis of Dostoevsky's romantic universe, including the characters Sonia and Raskolnikov from the novel *Crime and Punishment*, in their existential pathways from the concept of Emmanuel Lévinas's Face. He concluded that, as characters in the romantic novel, they use contributive substances to think about educational processes that aim at Human Formation and contemplate the spiritual dimension of individuals in an anthropological sense.

**Keywords:** Human Formation. Spirituality. Face. Lévinas. Dostoevsky.



## **1 Educação e Formação Humana: Introduzindo a questão**

O problema da Formação Humana e, particularmente, a dimensão ética que a compõe, cada vez mais vem obtendo espaço nas reflexões teóricas, bem como nas práticas, que se dão em torno do fenômeno educativo (RÖHR, 2006). A discussão da questão ética no interior da Formação Humana tem em Emmanuel Lévinas um importante representante, como demonstra a literatura (COUTINHO, 2008; STRINGARI, 2007).

Para Lévinas, o núcleo do processo de Formação Humana encontra-se no cultivo da ética como categoria movente das relações intersubjetivas. Ele denominou essa proposta de Ética da Alteridade, ou seja, estabeleceu um modo de pensar e vivenciar a ética não a partir do eu subjetivo, mas desde o Outro que a mim se apresenta como Rosto<sup>1</sup>. Aquele que de mim se diferencia, porém, sem o qual não chego sequer a me constituir como indivíduo, posto que, como afirma a antropologia levinasiana, este Outro é o que me precede e me dá possibilidades de entendimento e de expressão de minha subjetividade (LÉVINAS, 2000, p. 63).

A relação de Alteridade é uma relação Ética originária que se expressa através da imagem do Rosto. O Rosto se impõe sem que se possa permanecer, em estado de surdez perante aquele que lhe fala, que lhe chama, ou seja, sem deixar de ser responsável por sua miséria. A consciência, aqui, perde sua primazia.

Percebemos no pensamento levinasiano uma clara vontade de substituir a autorreflexão, autoconsciência, fundamento da ética individualista, pela relação com o

---

<sup>1</sup> O conceito *Rosto* em Lévinas será explicitado no corpo do trabalho.

Outro como proposta de uma moral alternativa. Um distanciamento da Ética como amor próprio e o encrave em outra que constitui seu significado a partir da relação com o Outro.

Esta nova concepção da Ética remete a algumas inevitáveis consequências na Educação e especificamente na educação ética. Isso se traduz no desenvolvimento da empatia, do diálogo, da capacidade de escuta e atenção ao Outro. Possibilita também a capacidade de analisar criticamente a realidade do próprio entorno desde os parâmetros da justiça e equidade, de assumir o educando em toda sua realidade, isso porque o ser humano só poderá ser compreendido em sua volta, na rede de relações que estabelece com os demais. Ser uma pessoa responsável é poder responder ao Outro, e isso não é possível sem a abertura ao Outro como disposição radical.

A problemática desse trabalho decorre do exposto acima. Precisamente, da relação que se pode perceber entre a proposta de Formação Humana contida na obra de Lévinas e sua afinidade eletiva, em sentido weberiano, com o horizonte ideológico presente no universo romanesco de Dostoiévski, enfatizando em que medida essa dupla herança é capaz de nos ajudar a desenvolver a dimensão ética do processo de Formação Humana e, nesse sentido, contribuindo para a manifestação da dimensão espiritual entre os sujeitos do processo educativo.

Consideramos que o papel da educação, em sua perspectiva mais ampla, mas também naquela que ocorre no ambiente escolar, é o de contribuir para o processo permanente de Formação Humana que o indivíduo é chamado a percorrer ao longo de sua existência. Por isso, cada vez mais se torna necessário aprofundar

perspectivas que trazem uma contribuição ao debate que insiste na importância de uma educação que se compreenda de forma ampliada e que tenha por finalidade não apenas a instrumentação profissional, social ou intelectual, mas a capacidade de possibilitar uma Formação Humana integralizada, ou seja, que expressem de forma equilibrada as mais diversas dimensões que comportam a pessoa humana.

Nosso interesse em aprofundar a dimensão ética da Formação Humana decorre da constatação de que nem sempre esse aspecto é levado em conta nos processos educativos. Esse trabalho será norteado, portanto, por um horizonte hermenêutico visando, a partir de uma interpretação dos textos levinasiano e dostoiévskiano. Para tanto, estamos recortando o problema da espiritualidade que perpassa a formação humana na personagem Sônia de “Crime e Castigo”<sup>2</sup>. Essa personagem, como poderá ser visto no final do trabalho, resguarda a dimensão espiritual na perspectiva compreendida por Röhr (2013), portanto, com capacidade de irradiar outros e fazê-los elaborar um processo de mudança, sendo elemento primordial nos percursos de formação humana. O argumento artigo está dividido em três partes, partindo sobre o entendimento de espiritualidade assumido no trabalho, passando pela exposição do conceito de Rostov em Lévinas e, por último, realizando a análise do percurso espiritual das

---

<sup>2</sup> Até onde vimos, ao menos em se tratando da bibliografia brasileira acerca desse romance de Dostoiévski, toda ela enfatiza a interpretação de Raskolnikov como núcleo da redenção humana proposta pelo escritor russo. Nesse sentido, esse trabalho intenta um novo caminho de investigação na condição problematizadora das personagens dostoiévskianas, sobretudo no que respeita ao horizonte da educação e da formação humana.

personagens.

## 2 A noção de espiritualidade

O termo espiritualidade talvez seja uma das palavras frequentemente utilizadas, em sentido amplo, no dia a dia das pessoas (Röhr, 2013, p. 9), haja vista que, dado o peso que a prática religiosa ainda guarda na maior parte das sociedades, sempre encontraremos quem a use no sentido de estabelecer a relação de um indivíduo, tomando-o por um sujeito de espiritualidade, e a denominação religiosa ao qual o mesmo venha a pertencer.

A palavra “espírito”, como nos mostra Ancilli (2012), tem sua raiz etimológica do Latim “spiritus”, significando “respiração” ou “sopro”, mas também pode estar se referindo a “coragem”, “vigor”. Na *vulgata*, a palavra em Latim é traduzida a partir do grego “pneuma” (πνευμα), (em Hebreu (רוח) ruah), e está em oposição ao termo anima, traduzido por “psyké”.

Em filosofia, Espírito é definido pelo conjunto total das faculdades intelectuais. Ele é frequentemente considerado como um princípio ou essência da vida incorpórea (religião e tradição espiritualista da filosofia), mas pode também ser concebida como um princípio material; conjunto de leis da física que geram nosso sistema nervoso (ABBAGNANO, 2001, p. 104).

Nesse trabalho acompanhamos a noção de espiritualidade que vem sendo proposta por Ferdinand Röhr, que a toma como “o indizível” (Röhr, 2013, p. 86), ou, de outra forma: “Um sentido que possa nos acompanhar em todas as situações da nossa vida, favoráveis ou não, que nos fortaleça e não nos deixe perder a confiança e a esperança na vida humana” (RÖHR, 2013, p. 40).

Mas, observe que, sempre em uma dimensão que anima a existência a ganhar sentido e transcender aquilo que é dado. Para Röhr, a espiritualidade se identifica com “um ato de liberdade em que encontramos e escolhemos nós a nós mesmos” (2013, p. 142). Assim, espiritualidade se apresenta como uma disposição que se encarrega, como tarefa nossa e intransferível, de nossa própria realização; é aquilo que nos impulsiona, não somente com palavras e restrito ao mundo intelectual, mas sobretudo através de atitudes e testemunho perseverantes, para o compromisso de nos humanizarmos cada vez mais.

### **3 A concepção de Rosto e Infinito em Lévinas.**

Na concepção levinasiana o conceito de Infinito surge como uma dimensão que sempre aponta para uma saída daquilo que se põe como estabelecido e nos impede de estabelecer um processo de ir mais além no realizar de nossa existência. Temos então que,

O Infinito é tudo aquilo que escapa do nosso pensamento, ter a ideia de Infinito é estar diante de outrem (Outro). Somente pelo Rosto do Outro o Infinito pode me vir à ideia, pois ele significa-o. Não é, pois, uma ideia abstrata que posso supor ou intuir. Ela advém por afetação, pelo encontro. Não é parte constitutiva de um sistema e sim, justamente o que lhe escapa e igualmente o irrompe. O Infinito abre a ordem do bem no mundo (COUTINHO, 2008, p. 54).

Esse estar em face do Outro lança o eu à Responsabilidade. Responsabilidade que não permite esquiva possível e que possibilita a humanidade do homem. É condição (radical) de possibilidade para tal. A Responsabilidade que se instaura a partir da heteronomia

da razão nos indica um novo modo para pensar o sujeito, estrutura que comporta o Outro no Mesmo, isto é, o Outro em si ou sobre si.

O Outro se mostra a mim como Rosto. O Rosto não se reduz a uma forma plástica, ou seja, uma face. O Rosto é mais do que uma face. É toda a corporalidade. Quando avisto um Outro, não vejo apenas uma face. Vejo um Rosto. Ele significa a Alteridade do Outro, sua infinita transcendência.

É expressão do Infinito. Lévinas coloca, diferentemente de Kierkegaard<sup>3</sup>, como já havíamos ressaltado em um outro momento, que o Eu em discussão a partir de dentro, mas não a partir de fora. Uma espécie de explosão e não implosão, do sistema que se traduz pela impossibilidade do pensamento em reduzir a Alteridade à Totalidade.

O Outro é absolutamente Outro. Há nele algo que nos escapa, por mais que o decifremos e o tematizemos. Há nele um mistério infindável que é maior que nossas capacidades de apreensão. E nada pode transpor sua Alteridade mesma, pois ele não está ao alcance do nosso olhar. Segundo Lévinas, não está exposta à luz como um fenômeno qualquer. Esse algo a mais do objeto que não se adapta às formas da cognição nos remete à ideia do Infinito.

No entanto, ter a ideia do Infinito consiste em travar uma relação com aquilo que extravasa o pensamento e que, de forma alguma, pode mensurar-se. Pensar no Infinito, pois, não é pensar num objeto e sim na

---

<sup>3</sup> Primeiro pensador da corrente que pode ser denominada como filosofia existencial e perspicaz nas análises que fez da situação em que o homem moderno se encontrava, exerceu grande influência sobre todos os filósofos existencialistas-fenomenólogos contemporâneos.

desmedida do objeto, isto é, no seu excesso. Podemos dizer que diferentemente de Descartes, o Infinito não surge como um pressuposto metodológico abstrato, matemático e formal, mas antes se apresenta na figura do próximo que se aproxima, ou seja, o Rosto alheio.

O Rosto é significação, e significação sem contexto. Quero dizer que outrem, retidão de seu Rosto, não é uma personagem num contexto. Normalmente somos personagem: é-se professor na Sorbone, vice-presidente do Conselho de Estado, filho de fulano, tudo o que está no passaporte, a maneira de se vestir, de se apresentar. E toda significação, no sentido habitual do termo, é relativa a um contexto: o sentido de alguma coisa está na sua relação com outra coisa. Aqui, pelo contrário, o Rosto é sentido só para ele. Tu és Tu (LÉVINAS, 2000a, p. 78)

O Rosto é a expressão original do Infinito, significação. Infinito no finito. No Rosto do Outro, que a face a face me olha, o Infinito enquanto transcendência revela-se, ou seja, vem até a mim, como uma ideia que o pensamento não pode produzir por si próprio e me fala. Lévinas diria que é um ordenamento moral, uma palavra conferida a mim no encontro. Lévinas indaga que no Rosto do Outro existe um mandamento explícito, é o tu não matarás. O “não matarás” surge pelo fato de que estou diante de um maior do que eu e a quem, portanto, devo reverência. Ele é maior apesar de sua vulnerabilidade.

Partindo desses pressupostos, percebemos claramente que o Infinito é tudo aquilo que escapa ao pensamento. Com esta afirmação não estamos dizendo que, o que não escapa do pensamento faz parte do Infinito, nesse caso, tudo que se totaliza no pensamento é

algo pronto e acabado, e essa ideia de Totalidade se antagoniza à ideia de Infinito, ou seja, são coisas contrárias.

Ao tratar sobre o Infinito, Lévinas nos deixa compreender que, ter a ideia de Infinito e estar diante de Outrem se equivalem. Pois, somente pelo Rosto do Outro, o Infinito poderá vir a nossa ideia, ou seja, é o Rosto do Outro que nos apresenta, que significa ser o próprio Infinito. Essa compreensão surge de uma espécie de afetação que se dá pelo encontro do Mesmo com o Outro.

Para Lévinas, não poderíamos pensar o Infinito como uma parte constitutiva de um sistema e sim justamente o que lhe escapa e ao mesmo tempo o irrompe. A noção de Infinito levinasiana acaba por causar uma inflexão no contexto ontológico da Totalidade de sentido e de significado do mundo. Para ele existe um significado para além do mundo de sentidos. No entanto, como diria Lévinas, ainda que o sentido precise do contexto do mundo para surgir no horizonte da compreensão do ente em seu modo de ser, parece que o significado não depende de um contexto “intra-mundano” para dar-se na aproximação como o trans-ontológico, como o “trans-intra-mundano”, com o “meta-físico”. Visto o modo como Lévinas concebe Rosto em sua proposta ética, passaremos agora ao processo analítico das personagens.

#### **4 O desenvolvimento espiritual de Sônia e a redenção de Raskólnikov: o encontro como educação espiritual.**

Logo nos primeiros parágrafos de *Crime e Castigo*, Dostoiévski mostra ao leitor, através da linguagem romanesca, como o ambiente em que o personagem central da obra, o ex-estudante Rodion Románovitch Raskólnikov, vive. Uma prova de que o ambiente reflete o

interior, no caso o quarto e a cidade em que o protagonista vive, é a descrição da personagem se misturando com a do ambiente. Abaixo, exemplificamos como esse recurso é utilizado pelo autor:

Seu cubículo ficava bem abaixo do telhado de um alto prédio de cinco andares, e mais parecia um armário que um apartamento. (...) e toda vez que ele saía para a rua tinha de lhe passar forçosamente ao lado da cozinha, quase sempre de porta escancarada para a escada. E cada vez que passava ao lado o jovem experimentava uma sensação mórbida e covarde, que o envergonhava e levava a franzir o cenho. (DOSTOIEVSKI, 2008, p. 19).

No texto, a descrição física fica reservada ao ambiente, e a da personagem nos é indicada com descrições psicológicas. O autor salienta que é um local apertado, onde o protagonista mora, o primeiro indício de como é a personalidade de Raskólnikov, que, nesse trecho, é apresentada pela sensação do ex-estudante ao passar ao lado da cozinha, tentando fugir do encontro com a senhoria. Raskólnikov detinha grande erudição e chegou a elaborar uma concepção que dividia as pessoas entre as ordinárias e as extraordinárias, cabendo a estas últimas a realização de grandes feitos. Toma como exemplo o caso de Napoleão que, para instaurar a civilização burguesa, “necessitou” ceifar a vida de muitos humanos. Logo, matar a velha, que era do tipo ordinário, seria um ato banal e, quem sabe, até necessário, ademais pelo fato de ela usurária. Estava, portanto, justificado o assassinato (BEZERRA, 2008. p. 12)

O percurso de redenção da personagem Raskólnikov ocorre no desenrolar-se de sua relação com

Sônia<sup>4</sup>, personagem imbuída de profunda espiritualidade, por isso plena de esperança na possibilidade de indivíduos que possam traçar uma trajetória livre da injustiça. No trecho abaixo Sônia demonstra ao desdenhoso Raskólnikov a confiança de que Deus não permitirá que suas irmãs decaiam na prostituição.

- Não! Não! Não pode ser, não! – Sônia gritou alto, feito desesperada, como se lhe tivessem dado uma súbita facada. – Deus, Deus não vai permitir um horror como esse!...

- Mas permite com outras.

- Não, não! Deus a protegerá, Deus!... – repetiu ela fora de si.

- É, mas pode ser que Deus absolutamente não exista – respondeu Raskólnikov até com certa maldade, desatou a rir e olhou para ela (DOSTOIEVSKI, 2008, p. 332).

Aqui vai ficando evidente essa força espiritual de Sônia, que começa a perceber o quanto essa mulher carrega consigo algo difícil de ser encontrado na maioria das pessoas. Mas como? Como Sônia detinha uma força espiritual capaz de incidir sobre Raskólnikov? Aos olhos da expectativa social ela jamais poderia assumir tal papel visto ser uma prostituta. Mas Dostoiévski nos diz a razão pela qual Sônia se prostitui. Ela adquire essa condição para impedir que os filhos de sua madrasta morressem de fome.

Portanto, a condição de Sônia é uma entrega para o outro e é nessa entrega que ela vai desenvolvendo uma espiritualidade que nasce do Rosto do Outro. O narrador afirma: “Entretanto, havia para ele uma pergunta: por que ela, há tanto e tão longo tempo, conseguia permanecer

---

<sup>4</sup> Sônia é uma prostituta na narrativa.

nessa situação sem enlouquecer, se não tinha forças para se atirar n'água?" (DOSTOIEVSKI, 2008, p. 333). Essa indagação, já em um vestígio de que a relação com Sônia desencadeará em uma mudança na personagem Raskólnikov, levando-nos a vislumbrar um processo de formação humana. Ainda como forma dessa adesão espiritual de Sônia temos:

- Então, Sônia, tu rezas muito a Deus? - perguntou-lhe.

[...] - O que seria eu sem Deus? - sussurrou de pronto e com energia, lançando-lhe subitamente um olhar breve [...]

- E Deus, o que faz por ti em troca disso? Perguntou ele, perscrutando.

[...] - Faz tudo! - sussurrou ela atropelando as palavras, mais uma vez baixando a vista. (DOSTOIEVSKI, 2008, pp. 336-337).

Diante da forte presença espiritual de Sônia, Raskólnikov passa a sofrer uma tormenta em relação aos seus atos. É um percurso que vai se desenvolvendo aos poucos. Ele começa pela tomada de consciência de que deve revelar o que fez como vemos na passagem que segue:

Além disso, tinha o iminente encontro com Sônia, o que o inquietava terrivelmente, sobretudo em alguns instantes: ele deveria revelar a ela que havia matado Lisavieta, pressentia para si uma terrível tortura, e era como se procurasse afugentá-la com as mãos. E por isso, quando exclamou, ao sair da casa de Catierina Ivánova: "Bem, Sónia<sup>5</sup> Semeónovna, o que você vai me dizer agora?"

---

<sup>5</sup> De acordo com Paulo Bezerra, tradutor de *Crime e castigo*, essa era a "antiga forma familiar do nome Sônia entre os russos", mas que hoje se tornou nome independente. Cf. DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 35.

[...]

Estava sentada, com os cotovelos apoiados na mesa e o rosto coberto pelas mãos, mas ao avistar Raskolnikov levantou-se e foi ao encontro dele, como se o aguardasse (DOSTOIEVSKI, 2008, p. 415).

Mas ele ainda não conseguiu o verdadeiro arrependimento, não deixou o desespero como afirma Luigi Pareyson (2012, p. 121). Uma prova evidente de que a personagem ainda não foi capaz de se redimir é o uso da terceira pessoa, numa tentativa de encobrir os feitos. De toda forma, isso evidencia que o processo de mudança não é automático, requer um caminho de formação humana. Vemos, abaixo, a tentativa de disfarce que faz uso Raskolnikov.

Logo, sou dele um grande amigo [do assassino] ... já que sei - prosseguiu Raskolnikov, ainda olhando insistentemente para o rosto dela, como se já estivesse sem forças para desviar o olhar. - Aquela Lisavieta ... ele não queria matar... Ele a... matou sem querer... Ele queria matar a velha... quando ela estava só... e ele chegou a... Mas nesse instante Lisavieta entrou... Então ele... a matou (DOSTOIEVSKI, 2008, p. 419).

A espiritualidade de Sônia desarmará Raskolnikov, ao ponto em já não poderá adiar a revelação e buscar o verdadeiro arrependimento:

- Como és estranha, Sônia, me abraças e beijas quando eu te conto sobre aquilo. Estás fora de si.
- Não, agora não há ninguém mais infeliz do que tu neste mundo (DOSTOIEVSKI, 2008a, p. 420).

Diante de tamanha bondade e compaixão, consequências de sua inabalável espiritualidade temos o arrependimento. Diz o narrador,

Para Raskolnikov começou um tempo estranho [...] era como se sua consciência se turvasse e assim tivesse continuado, com alguns intervalos, até o desastre final. Estava positivamente convencido de que, naquele período, havia-se equivocado em muita coisa, por exemplo, na duração e no momento de alguns acontecimentos (DOSTOIEVSKI, 2008, p. 449).

Essa modificação das personagens quando têm acesso ao Rosto do Outro fica evidente, por exemplo, no diálogo entre Sônia e Raskólnikov, momento em que este se dá conta justamente da presença do outro:

Escuta: quando eu fui à casa da velha naquele momento, eu só fui para experimentar...Fica sabendo!

- E matou! Matou!

- sim, mas como eu matei? Aquilo lá é jeito de matar? Por acaso alguém vai matar como eu fui naquele momento? ... Por acaso eu matei a velhota? Foi a mim que eu matei, não a velhota! No fim das contas eu matei simultaneamente a mim mesmo, para sempre! (DOSTOIEVSKI, 2008, p. 428).

Esse diálogo espelha uma concepção de Rosto como pressuposto das relações entre os humanos, pois a personagem se dá conta da presença do rosto do outro, passo para sentir-se por ele responsável. Endossando essa perspectiva encontramos, na tradução de Paulo Bezerra para a Editora 34, um trecho de uma carta que Dostoiévski endereçou a M. Kátkov, que diz: “O castigo pelo crime

amedronta muito menos o criminoso [...] porque ele mesmo o reclama (moralmente)” (DOSTOIÉVSKI, 2008. p. 428).

Uma passagem mais abaixo nesse mesmo momento do romance em que Sonia indica o que Raskólnikov deve fazer dali em diante parece nos informar a condição daquele que se inseriu em um percurso que será configurado pelas implicações de uma presença constante do Rosto. Ao afirmar que, diante da abertura da personagem para a mediação entre o eu e o Outro, “Deus te mandará vida mais uma vez” (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 428), em nosso entender, alude para uma nova condição que é a da intersubjetividade que se origina diante da alteridade, enquanto Rosto.

De acordo com Pareyson, para Dostoievski, o arrependimento, fruto da dor e da punição, é a via de reconciliação do indivíduo com ele mesmo e a possibilidade de renovar sua vida. Enxergamos nisso não outra coisa, mas a necessidade da formação humana e, nela, a importância que o testemunho do educador adquire, pois não se trata de palavras, porém muito mais de gestos e atitudes, como é o caso de Sônia. A importância de Sonia para a redenção de Raskólnikov é fundamental. Seu testemunho leva ao processo de transformação daquele que comete o crime e o salva. Em Sônia, Raskólnikov encontrou o espaço necessário para sua tomada de consciência de seus atos e buscou a superação do mal.

Desse encontro Dúnia<sup>6</sup> saiu ao menos com o consolo de que o irmão não estaria sozinho: ela, Sônia, fora a primeira a quem ele viera fazer sua confissão; nela ele procurara um ser

---

<sup>6</sup> Dúnia era o apelido de Raskólnikov.

humano quando estava precisando de um ser humano; daí que ela o acompanharia aonde o destino mandasse. Ela nem chegava a perguntar, mas sabia que seria assim. Ela olhava para Sônia até com uma certa veneração, e a princípio quase a deixou acanhada com esse sentimento venerabundo com que a tratava (DOSTOIEVSKI, 2008, p. 529).

O processo de modificação da personagem é delineado não de modo súbito, mas como um vagaroso trabalho que se estabelece no interior da relação de Raskólnikov com Sônia. Podemos tomar esse percurso como metáfora do processo de formação humana, pois Sônia parece se colocar como o educador que vai proporcionando experiências de discernimento e confrontação do educando Raskólnikov frente seus atos. Ele passa a desejar essa relação como algo fundamental:

O desejo revela-se bondade. Há uma cena em *Crime e Castigo*, de Dostoievski, onde, a propósito de Sonia que observa Raskolnikov no seu desespero fala “de insaciável compaixão”. Ele não diz inesgotável compaixão. Como se a compaixão que vai de Sonia para Raskolnikov fosse uma fome que a presença de Raskolnikov alimentasse para lá de toda a saturação, aumentando infinitamente essa fome (LÉVINAS, 2000a, p. 193).

Esse exemplo revela que não se trata de uma mera passagem narrativa que pudesse ser eliminada, sem prejuízo para o pensamento ético.

Fica evidente, no processo da narração, que a modificação da personagem somente decorre em razão

da presença de outro que se apresenta em condições de lhe retirar do centramento de seu eu e seguir em direção ao encontro. É um encontro naqueles termos de que fala Otto Bollnow (1974), portanto, com capacidade de confrontação. A força espiritual de Sônia é tão intensa que não pode passar despercebida por Raskólnikov e este reage a ela, provocando uma mudança em sua vida, ou seja, assumindo seu crime.

- Fui eu...- começou Raskólnikov.

- Beba água.

Raskólnikov afastou a água com a mão e pronunciou baixinho, pausadamente mas com nitidez:

- Fui eu que matei com um machado a velha viúva do funcionário e sua irmã Lisavieta e a roubei (DOSTOIÉVSKI, 2008. p. 539).

Portanto, o lugar pedagógico para a manifestação do duplo dostoienskiano e da alteridade levinasiana é o encontro. Nessa experiência de encontro em que os partícipes se confrontam com tudo aquilo que o outro traz temos a possibilidade dos indivíduos desenvolverem um processo de formação humana que leve ao alcance da dimensão espiritual da existência.

## **5 Considerações finais**

O trabalho que por agora finda tentou averiguar, a partir de uma interpretação articulatória, a possibilidade de uma educação espiritual como gênese de um processo de formação humana que nos lança à procura do Rosto do outro; condição inegociável para uma convivência que abandona o paradigma centrado no universo fechado do eu e nos abre as possibilidades de uma sociabilidade assentada na presença da alteridade, mais humana e

fraterna, visto que nos põe na condição interativa entre nossa subjetividade e outras subjetividades.

Partimos do resgate daqueles autores que vêm problematizando a educação como momento fundamental de nossa formação humana, portanto, espaço multidimensional que deve abrigar as mais diversas facetas que compõem a experiência humana. Nesse trajeto, fizemos a opção por aqueles que priorizam a discussão da ética e da espiritualidade como componentes fundamentais da formação humana, mas que são ao mesmo momento a finalidade do processo de formação humana, pois nestas dimensões se encontram as possibilidades de se perguntar pelo sentido da existência.

Esse é o caso da aposta de Emmanuel Lévinas em uma Ética como filosofia primeira. Uma tentativa de se livrar do primado ontológico que preside toda a trajetória do pensamento filosófico no ocidente. Portanto, coloca a existência como centro de seu pensar filosófico. Todavia, sabendo que seus conceitos centrais da filosofia da Alteridade, tais como Rosto, Ética, Infinito, aludem a problemáticas concernentes ao horizonte da investigação filosófica procedemos neste trabalho a uma transposição desses mesmos conceitos para o universo educativo e, desse modo, intentou-se contribuir para acentuar o componente ético e alargar o horizonte da educação.

As personagens de Dostoiévski, como demonstra em uma das seções, são como que arquétipos de valores e contravalores humanos. Encontramos aí as mais perversas criaturas como temos a possibilidade de meditar acerca das personagens que nos remetem para a possibilidade da redenção humana. A preocupação desse trabalho com uma formação humana que tome como prioridade o despertar para a ética e a espiritualidade,

como dimensões capazes de nos fazer perguntar pelos sentidos da existência. E, por isso mesmo, possibilitar uma maior integralidade da vida, encontrou nas personagens de Sônia, é um sinal efetivo de processos educativos capazes de provocar mudanças nas atitudes daqueles que estão implicados em situações de processos descontínuos existenciais.

Este trabalho, tomando a exemplificação da narrativa literária, expõe as possibilidades de uma educação espiritual que nos leva a uma prática de formação humana que nos remete para uma sociabilidade assentada na alteridade levinasiana, mas que somente apresenta-se como possível pelo processo desencadeado no artifício educativo do encontro, no modo como propõe Otto Bollnow. Os desafios, portanto, são imensos, mas é preciso confiar, como Sônia confiou e viu a conversão acontecer.

### Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ANCILLI, Ermanno. **Dicionário de espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 2012.
- BEZERRA, Paulo. Prefácio do tradutor. *In*: DOSTOIÉVSKI, F. **Crime e castigo**. São Paulo: Editora 34, 2008.
- BOLLNOW, O. F. **Pedagogia e Filosofia da Existência**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- BOLLNOW, O. F. **Filosofia Existencial**. Saraiva & C.a Editores. São Paulo, 1946.
- BOLLNOW, O. F. **Filosofia de La Esperanza**. Compañia General Fabril Editora. Buenos Aires, 1962.
- COUTINHO, Adriana. **Educar depois de Lévinas: para uma pedagogia do Rosto**. Programa de Pós-Graduação em

- Educação da UFPE, 2008 (Dissertação de Mestrado).
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2008.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: Os Anos Milagrosos, 1865-1871**. São Paulo: Edusp, 2003.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: O Manto do Profeta, 1871-1881**. São Paulo: Edusp, 2007.
- LÉVINAS, E. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- LÉVINAS, E. **Ética e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2000a.
- PAREYSON, Luigi. **Dostoiéski: Filosofia, Romance e Experiência Religiosa**. São Paulo: Edusp, 2012.
- RÖHR, F. **Educação e Espiritualidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- RÖHR, F. Fundamentos epistemológicos da educação na pesquisa em didática e prática do ensino. *In*: SILVA, Aída; et. al (orgs.). **Educação formal e não formal: processos formativos e saberes pedagógicos**. Recife: Bagaço, 2006.
- STRINGARI, R. **O Eu e o Outro na educação: uma abordagem filosófica a partir de E. Lévinas e E. Dussel**. 2007. 78 p. Dissertação de Mestrado, 2007.

José Afonso Chaves

Doutor em Sociologia pela UFPE. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião/Unicap.

E-mail: [afonso.chaves@unicap.br](mailto:afonso.chaves@unicap.br)

Adriana Coutinho

Doutora em Filosofia da Educação pela UFPE.

E-mail: [adrianacoutinho@yahoo.com](mailto:adrianacoutinho@yahoo.com)

*Submetido: 01/11/2019*

*Aprovado: 10/12/2019*